

# O PT e o partido revolucionário no Brasil

Republicamos aqui o caderno lançado em 1981 pelo coletivo do jornal EM TEMPO.

Defendendo um ponto de vista político inédito no interior da esquerda organizada, ele mantém a sua atualidade e é ainda uma referência importante para o debate sobre os rumos do partido.

## I - Introdução

O lançamento do movimento por um Partido dos Trabalhadores no Brasil, obtendo desde o início uma ressonância de massas e o apoio das principais lideranças operárias do país, pegou de surpresa a maior parte da esquerda. Afinal, formada principalmente numa interpretação bastante estreita do leninismo (quando não inteiramente stalinizada), acostumada a uma ênfase unilateral no papel da vanguarda na construção do partido, esta esquerda teria mesmo de reagir com surpresa e reprovação diante do PT.

Pouco a pouco, o PT foi se impondo e ganhando terreno. Da reação negativa inicial, muitos grupos passaram ao apoio e à participação no PT. Para isto foram levados tanto pelo peso demonstrado pelo movimento do PT quanto pelo fracasso de propostas alternativas, como a do "Partido Popular" (que era concebido como expressão intuticional e parlamentar de uma frente popular). Estes grupos têm tentado compatibilizar a sua participação no PT com a sua visão anterior, dogmática e estreita do leninismo. De modo geral, insistem em caracterizar o PT como uma frente, uma "frente política", quando não diretamente uma frente popular. Insistem em chamar o PT de partido "tático", forma disfarçada de designar não um partido mas uma coligação eleitoral-parlamentar. Para esses grupos o PT não pode passar de certos limites, ou arrasa com seus esquemas teóricos. A política dessas correntes para o PT é um dos obstáculos ao seu desenvolvimento como partido operário de massas, independente da burguesia.

Outros setores da esquerda, desiludidos com o leninismo, em geral estreito, que praticaram, optaram por um caminho inverso: tomar o PT justamente como a demonstração da falência, da inutilidade ou até da perniciosidade do leninismo, da organização da vanguarda. Sua política só pode ser, então, a de barrar o caminho do PT até o marxismo revolucionário, que tem no leninismo um de seus elementos essenciais.

Os primeiros (os que se agarram à concepção do PT como uma frente política, frente popular ou coisa parecida) reduzem o significado e o alcance do PT. Os segundos (os anti-leninistas) querem chegar ao socialismo sem passar pelo partido revolucionário, organizado e centralizado.

Hoje, só os setores mais burocratizados e degenerados da esquerda, como o PCB, o PCdoB e o MR-8, se obstinam em combater o PT.

Por outro lado, os setores não originários da esquerda organizada, os mais expressivos no PT, como os "sindicalistas autênticos", e como setores de base e de esquerda da Igreja, pela sua falta de tradição marxista só podem ter uma aproximação empírica com o PT. Em geral caminham para o economicismo, em formas variadas (a expressão mais clara disso é a recusa em empunhar a bandeira da Constituinte, da luta contra a ditadura, com o argumento de que "isto não interessa aos trabalhadores").

Nós não fugimos inteiramente a este quadro. Embora estejamos entre os que saudaram a proposta do PT, desde a primeira hora, como um passo decisivo para o movimento operário, tivemos uma dificuldade inicial de compreender o caráter do movimento pelo PT. Tendemos a compreendê-lo como uma expressão da frente

única operária. Lentamente fomos evoluindo para a idéia de que, pelo contrário, o PT era mesmo um movimento para formar um partido, e que nossa política deveria ser de ajudar a que fosse um partido operário de massas, independente.

No entanto, esta perplexidade da esquerda e dos militantes do movimento operário em geral, diante do PT, não pode ser justificada com o argumento tantas vezes utilizado de que o PT é uma experiência nova, diferente de tudo o que já houve na história do movimento operário. É evidente, é certo, que qualquer nova experiência da classe tem algo de novo, e não vai jamais repetir simplesmente alguma outra já vivida.

Mas longe de ser alguma coisa "exótica", a forma de construção do PT é uma proposta que já se apresentou diversas vezes na história do movimento operário! Mais ainda, a política geral a ser adotada pelos marxistas dentro do PT, longe de ser uma coisa "pouco ortodoxa", pouco coerente com a tradição marxista, foi defendida... pelo próprio Marx (e por Engels)! E não em algum texto pouco conhecido ou marginal em seu pensamento, mas no próprio Manifesto Comunista!

O problema chave com o qual se enfrentam hoje no Brasil todos os revolucionários, todos os militantes conscientes do movimento operário, e mais ainda, todos os marxistas, é o de se saber trabalhar dentro do PT, saber que política defender no PT, saber como contribuir para o seu avanço.

Nosso objetivo com este texto é justamente contribuir para fazer avançar esta discussão. Para isto, começamos com a abordagem de como a questão da construção de partidos operários de massa, combinada com a existência de vanguardas marxistas mais reduzidas, e com a necessidade de construção de um Partido Internacional, se colocou na história do movimento operário, e a discussão da situação específica do Brasil hoje. É dentro deste quadro que podemos situar os problemas atuais vividos pela construção do PT, e uma política marxista-revolucionária no seu interior.

## II - As lições da história

### A necessidade de um partido operário e do marxismo revolucionário

O desenvolvimento do modo capitalista de produção, isto é, das relações mercantis e da exploração do trabalho assalariado pelo capital, produziu uma classe de proletários cujo único interesse histórico possível é a abolição deste regime econômico e a construção de uma sociedade sem classes, a sociedade socialista.

Mas o processo de formação da consciência da classe proletária, embora tenha as suas raízes na exploração cotidiana sofrida pela classe, não se completa de maneira espontânea. Exige a formação de um partido que integre nas suas formulações básicas a compreensão científica do funcionamento do modo capitalista de produção, de suas leis, de seu desenvolvimento, bem como uma compreensão da história universal. Exige, portanto, a fusão da teoria marxista com o movimento operário, fusão que se dá na construção de um partido, no desenvolvimento de um programa revolucionário e na sua adoção pelo movimento operário.

Logo, já para completar seu processo de formação como classe, consciente dos seus interesses, o proletariado tem necessidade de um partido. E para conduzir seu processo cotidiano de enfrentamento com a burguesia, em cada fábrica ou a nível do Estado burguês, o proletariado precisa de um partido tanto como do ar que respira. Com muito maior razão para poder lutar pelo seu poder e pela transformação revolucionária da sociedade.

Esse é o significado básico de um partido operário, tal como colocado pelos fundadores do marxismo. Mais tarde, Lênin acrescentaria elementos importantes. Para fazer face à centralização conseguida pela burguesia, que dispõe do Estado e de todo o seu aparelho, é necessário conduzir de modo centralizado as lutas contra o capital. Tornaria também mais claro o papel de uma vanguarda de "revolucionários profissionais", capazes de dominar a ciência (e a arte) da luta política. Uma direção tanto nas questões de reinvidicações limitadas quanto na luta para a tomada do poder, pela destruição do Estado burguês e pela construção da ditadura do proletariado.

Tanto para Marx como para Lênin, o partido proletário só poderia ser um partido internacional. Como enfatizou Marx (por exemplo, na "Crítica ao Programa de Gotha"), pelo seu conteúdo mesmo, a luta de classes é internacional. Do mesmo modo que centraliza suas lutas dentro de um país, a burguesia centraliza a sua luta ao nível internacional. Há uma base objetiva para isto: o desenvolvimento do mercado mundial, que unifica todos os países economicamente. Ora, o proletariado não pode ser menos internacionalista que a burguesia.

Esse conceito leninista de partido revolucionário teve sua necessidade confirmada pela história. No entanto, esta confirmação esteve mais no fato de que em diversas regiões ficou clara a falta que fazia um partido revolucionário, capaz de dirigir as massas em direção ao socialismo.

Desde a revolução russa de 1917, diversos processos revolucionários foram derrotados em situações onde a ausência de um partido foi decisiva. Por outro lado, várias vitórias de processos revolucionários, que chegaram até a construção de Estados operários, foram frustradas pelo desenvolvimento de deformações ou degenerações burocráticas. Acompanharam o processo de burocratização da própria URSS. Os partidos que estavam na direção, capazes de conduzir as massas à tomada do poder, tinham importantes deficiências programáticas ou deformações (como a teoria do "socialismo em um só país", que resume uma visão anti-marxista da construção do socialismo). Apesar da inegável base de massas com que contavam, viram-se sem condições de lutar contra o avanço da burocratização (ou se tornaram eles mesmos agentes desta burocratização).

Houve, entre as derrotas do movimento operário, momento sangrentos, como o da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, país que tinha o movimento operário mais forte e mais organizado da época. Essas derrotas foram à origem de inúmeras tragédias para a humanidade, de períodos de barbárie.

A necessidade de partidos operários de massa, armados com um programa marxista-revolucionário, centralizados como organizações de combate, foi dramaticamente confirmada. Confirmada pela tragédia que significou a inexistência deles.

## A crise histórica da direção revolucionária

A ausência, por todo um período histórico, e na grande maioria dos países, de partidos revolucionários de massas, só pode ser compreendida a partir da evolução sofrida, primeiro pela II Internacional, depois pela III Internacional.

A II Internacional, formada a partir do fim do século

passado, representou a primeira experiência de partidos de massa com uma orientação, pelo menos em geral, marxista e revolucionária. Até 1914, reuniu a totalidade dos marxistas, e a grande maioria do movimento operário organizado (a exceção eram correntes anarquistas ou anarco-sindicalistas, cuja expressão de massas se reduzia a alguns países). Era o partido indiscutível da classe operária.

Mas a II Internacional não foi capaz de manter este caráter. Vivendo durante décadas em uma situação de prosperidade do capitalismo em países imperialistas, seus partidos acostumaram-se a obter progressivamente conquistas, econômicas e políticas, para a classe operária. Grande parte da sua direção, do seu aparelho, foram sendo progressivamente integrados ao estado. Com o início da guerra de 1914, ficou claro que a maioria da II Internacional deixara de ser uma organização revolucionária para se transformar em uma organização reformista: cada partido social-democrata aliou-se com a burguesia de seu próprio país, traiu os laços internacionais proletários.

Foi a razão para que Lênin (ao lado de outros dirigentes revolucionários) proclamasse a morte da II Internacional como partido revolucionário, sua falência política, e iniciasse um movimento de reagrupamento dos marxistas que haviam mantido posições internacionalistas e revolucionárias. Foi o caminho que conduziu (depois da vitória da revolução russa) à III Internacional.

Criada depois da vitória da revolução russa, reunindo a esquerda dos antigos partidos da II Internacional, mas valendo-se sobretudo do prestígio conquistado pelos bolcheviques com a vitória, da esperança que a revolução russa despertou, a III Internacional teria obrigatoriamente a sua sorte ligada à da revolução russa. Esta, isolada em um país atrasado e pobre, abalado por uma guerra civil (onde os exércitos contra-revolucionários contaram com o apoio de diversos países imperialistas), foi sofrendo um processo de burocratização. Ao cabo de alguns anos, o poder político dos trabalhadores, fundamentado nos soviets (conselhos operários), foi esvaaziado e substituído por uma ditadura da burocracia. Essa burocratização se estenderia à III Internacional. Finalmente, sua morte como partido revolucionário foi comprovada em 1933, quando assistiu sem luta à ascensão de Hitler ao poder, e quando não se mostrou sequer capaz de uma auto-crítica diante de um crime tão monstruoso contra a classe operária e a humanidade. A III Internacional seguiu um caminho semelhante ao da II.

Depois desse duplo processo (degeneração da II e da III Internacionais), foram consolidadas duas correntes reformistas no interior do movimento operário: a social-democracia (da II Internacional) e o stalinismo. Todas as duas institucionalizaram práticas de colaboração de classes, de conciliação, no movimento operário. Com estilos diferentes e em graus variados, opõem-se à revolução proletária.

No caso da social-democracia, isto é bastante evidente. Sua política passou a ser a de se integrar no estado burguês, de respeitar e defender os seus mecanismos, de substituir a luta pelo socialismo pela luta por reformas que significassem uma "gestão social da economia de mercado". Sua prática é frontalmente contrária ao marxismo mais elementar, que diz que numa sociedade fundada na exploração de uma classe por outra, a luta de classes é inevitável. De fato, a maioria dos partidos social-democratas terminou abandonando a referência ao marxismo.

No caso do stalinismo, a colaboração de classes é menos evidente. Não apenas porque mantém uma referência formal (e dogmática) no marxismo, mas porque no lugar de apresentar uma teoria de que é possível chegar ao socialismo (ou à "gestão social") nos marcos do estado burguês, disfarça a integração neste estado com a teoria de etapas rígidas na revolução, a primeira supondo alianças com setores da burguesia, e apenas na segun-



O nascimento do PT: a consciência política brota dos confrontos com o Estado e os patrões.

da se colocando o objetivo socialista. De qualquer modo, a teoria da "revolução por etapas", com uma primeira etapa burguesa, e a teoria e a prática das "frentes populares" são formas não menos daninhas de colaboração de classes.

Essas duas correntes exerceram um domínio quase absoluto sobre o movimento operário desde a década de 30 até o início da crise do stalinismo. Contribuíram para um sem número de derrotas da classe trabalhadora, inclusive a mais sangrenta e terrível, a ascensão do nazismo. Estas derrotas, às quais é preciso acrescentar a de maior importância histórica, a expropriação política do proletariado soviético pela burocracia com a consolidação do stalinismo, isto é, a degeneração da revolução russa, tiveram um efeito devastador sobre o nível de consciência das massas, em especial na sua confiança no futuro socialista (confundido, ademais, com a opressão vivida pelos trabalhadores na URSS). Isto reforçou o domínio destas correntes, que desta forma se nutrem das suas próprias derrotas. E, se desde então continuaram a eclodir revoluções socialistas, da chinesa à nicaraguense, estas se deram sobretudo apesar da orientação e vontade da direção mundial soviética.

Em diversos países, entre os quais se inclui o Brasil, além das correntes reformistas do movimento operário, ainda tiveram uma importância enorme correntes burguesas populistas com base de massas (PTB, peronismo).

A força do populismo tinha uma consequência clara: a maioria da classe operária não tinha um partido próprio, e se prendia ao jogo, à disputa política entre os vários partidos burgueses. No caso do Brasil, o stalinismo deu uma enorme contribuição para esta situação, ligando-se sempre ao populismo, procurando fazer que este "avançasse", no lugar de tentar fazer com que a classe operária rompesse com ele. De fato, o stalinismo deu mesmo uma contribuição decisiva para a própria formação do populismo, como demonstrou por exemplo Francisco Weffort em seu trabalho "Origens do sindicalismo populista no Brasil".

O resultado de tudo isto é que as concepções de colaboração de classes (na versão social-democrata, na versão etapista frente-populista ou simplesmente na versão burguesa populista), penetraram profundamente no movimento, e sobretudo nas suas vanguardas formadas (ou deformadas) por esta ideologia.

Se a III Internacional terminou seguindo o caminho da II, isto é, o caminho reformista, houve contudo uma diferença essencial: não foi possível levar à frente da mesma maneira a construção de uma nova Internacional com base em uma revolução vitoriosa. Além disso, o efeito negativo que o curso reformista da III Internacional teve sobre a consciência de classe do proletariado foi somado ao mesmo efeito já produzido pelo curso da II Internacional, e somado ainda ao efeito devastador sobre a confiança na vitória produzido pela série de derrotas. A construção de uma nova Internacional (a IV) continuava a ser necessária, mas se daria em condições infinitamente mais difíceis.

Em resumo, produzia-se uma crise histórica da direção revolucionária, isto é, a ausência de partidos revolucionários capazes de dirigir as massas, e uma situação de enorme dificuldade para a superação desta crise (dificuldade inclusive, em algumas análises, subestimada por Trotski e pelos fundadores da IV Internacional).

Durante todo um período histórico, a tentativa de construir alternativas revolucionárias ao reformismo enfrentou dificuldades enormes. Além da presença sufocante da social-democracia e do stalinismo, que retirava o espaço político para o crescimento de outras correntes (a social-democracia monopolizando em grande medida o descontentamento com o stalinismo, o stalinismo monopolizando o descontentamento com a social-democracia), é preciso ter em conta a formidável repressão exercida contra os que se colocavam à esquerda destas correntes. Não apenas a repressão policial-burguesa, mas sobretudo a repressão exercida pelas próprias correntes reformistas, repressão que variou do impedimento de participar do movimento sindical, de provocar a demissão do emprego, à delação e ao assassinato.

Desde a década de 60, depois do triunfo da revolução cubana, do conflito do maoísmo com a URSS, com o avanço da crise do stalinismo, as condições começaram a mudar.

Mas durante todo um período sobrava pouquíssimo espaço para a construção de alternativas revolucionárias. Nas épocas contra-revolucionárias, ou de calmaria do movimento, esta dificuldade é transparente: os reformistas dominantes podem com facilidade fazer acreditar que as concepções revolucionárias são radicalismo sectário, propagandismo abstrato, utopia, aventura.

Nos momentos de ascenso, a coisa é algo mais complicada. Um grande número de militantes operários ingressa na vida política com posições classistas, combativas, ao nível sindical, ou rompe com os partidos reformistas nesse nível, rompe na prática com a colaboração de classes. Mas a passagem da consciência sindical classista para a consciência política classista, isto é, para a consciência dos objetivos históricos do proletariado, e para a consciência revolucionária, não é simples e muito menos é automática. Exige uma compreensão de conjunto da sociedade, de seu funcionamento, do funcionamento e do caráter do estado etc. como já mencionamos.

Mais ainda: o processo de formação de uma consciência revolucionária só se completa em uma organização revolucionária. E para que militantes proletários se decidam a uma militância organizada, tendo entrado na luta política pela porta das lutas sindicais, ou tendo rompido com partidos reformistas, mesmo que esta ruptura tenha já chegado num nível avançado de compreensão da traição dos aparelhos reformistas e da necessidade de um partido revolucionário, é necessário que vejam uma alternativa clara e confiável. É preciso que vejam uma organização revolucionária que considerem capaz de desempenhar as tarefas que se colocam na organização da luta, capaz de dirigir a cada momento as massas no seu rumo. Para a classe operária, suas organizações são uma necessidade imediata cotidiana.

Desde a degeneração stalinista da III Internacional, existiram poucas organizações de massa com caráter revolucionário. Algumas, na Iugoslávia, na China, em Cuba, no Vietnã foram capazes de destruir o estado burguês em seus países e iniciar a construção do socialismo. Outras (Nicarágua, El Salvador), tem chances reais de fazer isso agora.

No caso da China, do Vietnã, em alguma medida de Cuba, contudo, as organizações revolucionárias foram moldadas ou influenciadas pelo stalinismo, e mantiveram importantes debilidades programáticas e políticas.

Assim, estas correntes não foram capazes de dar uma contribuição decisiva para a resolução da crise histórica da direção revolucionária, embora, evidentemente, o fato de terem destruído estados burgueses em importantes regiões do planeta e construído estados operários, mesmo burocratizados, mude de maneira significativa a correlação de forças em favor do proletariado.

Desde a degeneração da III Internacional, não têm existido, nos momentos decisivos, alternativas orgânicas confiáveis para a vanguarda emergente da classe operária, que assumam o programa marxista-revolucionário. As organizações marxistas-revolucionárias, ou mesmo a maioria das outras correntes revolucionárias, têm estado presas no círculo vicioso da sua pequenez. Assim, os milhares de militantes operários que adquirem em momentos de ascenso do movimento uma consciência sindical classista, e por este caminho compreendem a necessidade da luta política, ou que rompem ideologicamente com a colaboração de classes dos partidos reformistas, têm enfrentado na sua maioria um destino de dispersão e ceticismo, um destino trágico.

Como observa Ernest Mandel, analisando a situação da Europa, onde as organizações revolucionárias são pequenos Davids contra os imensos Golias da social-democracia e do stalinismo:

*"Apenas uma infima minoria de trabalhadores, de-*

*cepcionados pelas traições dos aparelhos, se junta às pequenas organizações revolucionárias, cuja eficácia na luta de classes não é clara. E mesmo esta infima minoria não permanece muito tempo, a não ser que adquira rapidamente uma sólida educação política que lhe faça compreender não apenas o porquê das traições burocráticas, mas além disso as razões históricas da fraqueza relativa das organizações revolucionárias e a possibilidade (do mesmo modo que uma idéia realista do ritmo!) de superá-la"* (E. Mandel, "Crescimento econômico e luta de classes").

A consequência disto é que as organizações revolucionárias ficam reduzidas, a pequenos núcleos de militantes, isto é, àqueles que chegam à compreensão do problema histórico da crise de direção do proletariado. E ainda, estas organizações têm na sua maioria uma importante deformação. Uma proporção anormalmente alta de militantes de origem intelectual, uma proporção reduzida de militantes operários. É o "círculo vicioso da pequenez" que explica o paradoxo de que as organizações que asseguram a continuidade da experiência histórica proletária e do seu programa não sejam na sua maioria organizações de composição predominante operária: é claro que os militantes operários dão uma importância muitas vezes maior ao problema de eficácia dos partidos operários na condução das lutas.

Outra questão decisiva que aumenta as dificuldades é que o stalinismo, ainda que em crise e decomposição, influencia mesmo aos que rompem com ele. Há uma dificuldade para muitos dos militantes que rompem com o stalinismo em adotar as posições radicalmente opostas do marxismo revolucionário. Há uma maior facilidade em assumir formulações centristas que parecem num primeiro momento mais realistas. Além disso, não é fácil remover todas as calúnias que o stalinismo lançou sobre o marxismo revolucionário. Há ainda uma outra base de fortalecimento do centrismo com relação ao marxismo revolucionário: revoluções vitoriosas, que romperam na prática com o stalinismo, como a chinesa, a vietnamita, a cubana (rupturas que não chegaram a se completar), apareceram durante todo um período histórico como alternativas revolucionárias e realistas ao stalinismo.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar todo um conjunto de espinhos no calvário do marxismo revolucionário: o curso seguido por inúmeros grupos "trotskistas". Alguns, é inegável, chegaram aos cumes do ridículo (e perderam toda a referência do marxismo revolucionário). A partir daí, os adversários do trotskismo têm uma base para ampliar até o máximo as calúnias contra ele, e inúmeros militantes revolucionários pensam duas ou três vezes antes de se deixarem identificar com o "trotskismo".

O ridículo de alguns grupos trotskistas, e as deformações de outros, têm uma explicação objetiva. Confrontados durante períodos prolongados com a condição de minoritárias, isto é, sem condições de influir decisivamente sobre os rumos da luta de classes, e além disso, com reduzida participação de operários, com poucos laços sólidos com o movimento, e com um grande número de intelectuais que podem "voar", as organizações revolucionárias correm riscos pesados de degenerescência (de nenhuma maneira limitados ao "trotskismo"). Há dois tipos básicos de degenerescência: a oportunista e a sectária.

A degeneração oportunista consiste em adaptar-se às influências predominantes, em perder o referencial do programa revolucionário. Esse programa, muitas vezes, é visto como um peso a carregar, um entrave a um crescimento mais rápido, ao avanço da organização. O rumo oportunista leva à transformação da organização em um apêndice de alguma corrente reformista mais forte, ou até mesmo à liquidação pura e simples da organização, que deixa de ter justificativas para existir.

A degeneração sectária consiste na perda da identifi-

cação com o movimento de massas, em querer construir a organização em oposição e ao largo do movimento de massas, em colocar os interesses da organização como distintos dos do movimento. Há um exemplo extremo destas concepções no método de construir a organização pela via de denúncias dos crimes e traições dos reformistas, o que leva até mesmo a apostar nas derrotas do movimento para ter o que denunciar e poder dizer: "eu não disse?". Esse caminho transforma a organização em uma seita, e logo em seguida, numa coisa caricatural, que passará a ser alvo da chacota geral e em especial dos reformistas.

Naturalmente além da degeneração, as organizações revolucionárias podem sofrer desvios mais leves, quando obrigadas a viver muito tempo na condição de minoritárias. Podem passar por uma fase de adaptação e influências predominantes sem ir mais longe do que um certo centrismo, podem não chegar a uma seita com interesses distintos dos do movimento, mas apenas mostrar dificuldades de aprender com novas experiências, ter um apego dogmático ao programa, fazer uma defesa abstrata dele, propagandista ou doutrinária, ter dificuldade em, a partir do programa, definir políticas práticas.

Conseguir manter a perspectiva correta — ao mesmo tempo guardar e reforçar a referência ao programa revolucionário, e a identificação com o movimento de massas — procurando agir em cada situação da forma que mais contribua para o avanço do movimento, para a sua vitória, ainda que contando para esta contribuição com forças muito limitadas, tudo isso pode ser compreendido, facilmente, como uma tarefa hercúlea. Ou seja, se já é difícil conseguir manter uma organização revolucionária, com muito maior razão, é difícil transformá-la em uma organização de massas.

Não espanta, pois, que venha sendo tão dura a "longa marcha" do marxismo-revolucionário, que o deserto que atravessa tenha sido tão árido, e que nesta travessia tenha incorrido em erros numerosos. O que espanta é mais o contrário, como conseguiu, bem ou mal, se manter e se desenvolver, inclusive, com um reforço numérico nos anos recentes. É fácil perceber o papel decisivo que desempenharam alguns obstinados que entregaram a sua vida a esta tarefa.

### III — O PT e a experiência clássica de construção do Partido Revolucionário

#### A situação no Brasil hoje, condições objetivas enormemente favoráveis para a construção de um partido marxista-revolucionário

Com o que dissemos até agora, a nossa intenção não é, nem de longe, a de traçar um quadro pessimista. Desde a revolução cubana, em 1959, e mais ainda desde o ascenso das lutas revolucionárias em 1968, o marxismo revolucionário começou a romper o "círculo vicioso da pequenez". E hoje, no Brasil, a situação objetiva é excepcionalmente favorável, tanto para construir imediatamente uma organização marxista-revolucionária, quanto para construir a médio prazo, um partido marxista-revolucionário com influência e reconhecimento de massas.

Há, em primeiro lugar, um ascenso importante das lutas operárias, que vêm se dando em bases combativas e classistas, e mostrando uma enorme sede de formas de



O PT surge como expressão da independência política de classe.

organização de base e democráticas. Em segundo lugar, as forças reformistas (stalinistas) e os burocratas sindicais são relativamente fracos e não controlam o movimento de massas. Todas as correntes stalinistas passam no momento por uma crise.

Há, mais que tudo, o fato objetivo espantosamente promissor que é o PT. Lançado de maneira quase espontânea, como expressão política do movimento sindical classista, o PT vem se desenvolvendo, apesar dos percalços e ambiguidades, como um partido operário independente, classista.

Pelo próprio fato de representar uma expressão política do movimento sindical classista, o PT contribui para o seu avanço, para que passe a níveis superiores de luta. Oferece uma possibilidade de organização para milhões de trabalhadores. Hoje, não é ainda um partido revolucionário, embora cumpra um papel objetivamente revolucionário. Mas tem um significado essencial do ponto de vista da construção de um partido revolucionário: representa uma **alternativa política visível, viável, confiável**, para milhões de trabalhadores, para toda a vanguarda social emergente. Uma alternativa classista desde o início, e portanto pelo menos tendencialmente revolucionária. Uma alternativa às políticas reformistas, stalinistas, de colaboração de classes.

A ligação da proposta do PT com o programa marxista-revolucionário é nitida. Afinal, são os marxistas-revolucionários que têm defendido obstinadamente a necessidade da independência política dos trabalhadores. É significativo que núcleos trotskistas tenham desempenhado até agora no PT um papel que não pode ser desprezado. Já no lançamento da proposta houve alguma participação, embora ele tenha sido basicamente espontâneo. Esta presença deu-se mais ainda na conformação inicial da proposta, o que foi fundamental na marca de independência política de classe, e na defesa e sustentação da proposta quando a enorme maioria da esquerda a bombardeava e os sindicalistas vacilavam. Diante da ofensiva que foi realizada contra o caráter de independência de classe, fica claro o papel que desempenhou a

conformação inicial, a presença de palavras-de-ordem como "um partido sem patrões".

Mas seria um absurdo exagerar o papel dos núcleos de marxistas-revolucionários. A proposta nasceu e se desenvolveu fundamentalmente a partir da necessidade objetiva representada pelo ascenso do movimento operário, que foi colocado diante da questão de construir seu partido. Além disso, a presença dominante, e inclusive a que mais contou para o desenvolvimento da proposta, é a dos "sindicalistas autênticos", como Lula.

A existência do movimento pela construção do PT representa um avanço para a classe operária brasileira. Prolonga e aprofunda o processo de ruptura com o reformismo, com o stalinismo, impulsionado pela vitória da revolução cubana.

No início dos anos 60, a corrente influenciada pelo castrismo rompeu com a teoria stalinista-populista da "revolução por etapas", e defendeu corretamente a combinação das tarefas democráticas e socialistas na revolução latino-americana. Aplicou um golpe nas concepções de "blocos" históricos com a burguesia nacional contra a oligarquia e o imperialismo.

Mas a forma com a qual o castrismo realizou esta ruptura tinha lados fracos importantes. Em primeiro lugar, dava uma ênfase quase que exclusiva na necessidade da luta armada, dando à forma da luta mais peso do que à questão da composição e do conteúdo de classe das forças revolucionárias, não colocando no devido lugar a necessidade da direção do processo revolucionário pela classe operária. Em segundo lugar, com a sua concepção de luta armada, enfatizando de maneira unilateral o papel das guerrilhas, não via que o problema central é a construção de um partido revolucionário de massas, isto é, capaz de dirigir as massas para que elas enfrem e destruam o estado burguês, e construam o seu próprio estado, um estado operário.

É exatamente nesta direção que o PT avança, embora com as limitações e ambiguidades apontadas.

## O tratamento de situações semelhantes na história do movimento operário

A questão de como os marxistas deveriam se situar diante de um movimento espontâneo ou não pela constituição de um partido operário, ou diante de um partido operário de massas e com poucas definições programáticas, foi discutida diversas vezes pelos clássicos do marxismo revolucionário.

A primeira referência a uma situação deste tipo encontra-se no próprio Manifesto Comunista de Marx e Engels, onde se diz:

"Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos demais partidos operários. Não têm interesses que os separem do proletariado em geral. Não proclamam princípios particulares, segundo os quais pretendiam modelar o movimento operário (...)

Praticamente, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona os demais: teoricamente, têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nitida das condições, da marcha e dos fins gerais do movimento proletário".

Como observa Michael Lowy em "Marx e o Partido Comunista" (Revista Teoria e Prática, 04/1968), Marx e Engels tinham em vista quando escreveram isto a situação de seus partidários, na Inglaterra, que formavam um grupo chamado de "Fraternal Democrats" (Democratas Fraternalistas), e ao mesmo tempo participavam do partido cartista, o primeiro partido de massas do proletariado inglês. Os marxistas não deveriam se dissolver, e muito menos dar as costas ao movimento de massas proletárias. Deveriam formar um grupo com um programa próprio no interior do partido de massas, procurando ajudar o avanço deste partido. Como fica claro, pela in-

clusão desta passagem no "Manifesto", esta era a tática geral da Liga dos Comunistas para construir partidos de massas marxistas. Anos depois um problema semelhante ocorreria nos EUA, quando surgiu uma organização operária independente, os "Knights of Labour" (Cavaleiros do Trabalho). Um grupo de socialistas alemães se recusava a participar desta organização. Em diversas cartas a correspondentes americanos, Engels criticará esta atitude. Na carta a Sorge, de 29/11/1886, ele dirá:

"O primeiro grande passo a ser dado em todos os países que tenham recentemente entrado em movimento é a constituição dos operários em partido político-independente, não importando como, mas bastando somente que ele seja um partido operário distinto. Esse passo foi dado antes do que esperávamos, e isso é o mais importante. Que o primeiro programa deste partido seja confuso e dos mais incompletos, isto é um inconveniente inevitável, mas, no entanto, passageiro. As massas devem ter tempo e oportunidade de se desenvolver, e esta oportunidade elas terão no momento em que possuírem um movimento próprio, onde serão impulsionadas pelos seus próprios erros, tornando-se sábias às suas próprias custas. O movimento a que assistimos hoje na América se encontra no mesmo estágio daquele existente no nosso país antes de 1848; as pessoas realmente inteligentes exercerão inicialmente o papel que antes de 1848 exercia a Liga dos Comunistas entre os grupos operários". (Karl Marx, Engels, Lênin, Trotski — A questão do Partido — Kairós Editôra — p. 26).

No mesmo sentido, em carta a Florence Kelly, em 28/12/1886, dirá:

"É muito mais importante que o movimento se estenda, progrida regularmente, ganhe raízes e abranja o mais possível o proletariado americano em seu todo que vê-lo partir e progredir desde o início sobre um traçado teoricamente perfeito. Não existe melhor caminho para se chegar a uma clareza teórica e compreensão que se instruindo pelos próprios erros. E para uma classe em seu conjunto, não há outro caminho, principalmente numa nação que tanto desdenha a teoria como a dos americanos. O importante é levar a classe operária a pôr-se em movimento enquanto classe; uma vez alcançado isso, as pessoas encontrarão rapidamente a direção correta, e aquela que resistir — Henry George ou Powderly — será tranquilamente posta de lado com suas pequenas seitas. É por isso que também vejo nos Knights of Labour um fator muito importante para o movimento, que não deveria ser vilipendiado de fora, mas revolucionado por dentro, e considero que muitos alemães cometeram um grave equívoco quando tentaram fazer — diante de um poderoso e glorioso movimento que eles não haviam inventado — de sua teoria importada, e nem sempre compreendida, uma espécie de dogma, fora do qual não existia salvação, e cometeram graves equívocos também mantendo-se à distância de qualquer movimento que não aceitasse tal dogma. Nossa teoria não é um dogma, mas a exposição de um processo de evolução, que compreende fases sucessivas. Esperar que os americanos comecem plenamente conscientes da teoria formada nos países industriais mais velhos é esperar o impossível. O que os alemães deveriam ter feito era agir segundo sua própria teoria — se é que eles a compreendem como nós fazíamos em 1845-1848 —, caminhar para todo movimento real do conjunto da classe operária, aceitar o ponto de partida como um fato concreto e conduzi-lo gradualmente ao nível teórico, ressaltando que cada falta cometida, cada derrota sofrida, consistia numa consequência necessária dos erros teóricos do programa original. Eles deveriam, como diz o Manifesto Comunista, "representar no presente do movimento o futuro do movimento" e, antes de tudo, dar ao movimento tempo para se consolidar, não fazer da inevitável confusão inicial uma confusão pior, fazendo as pessoas engolir coisas que elas não podem realmente digerir atualmente, mas que elas aprenderão logo mais. No próximo mês de



Em 1980, a greve que obteve uma ampla solidariedade e sacudiu o país durante quarenta dias.

novembro, um ou dois milhões de vozes operárias por um partido de operários de boa fé, atualmente, têm muito mais valor que cem mil vozes em favor de uma plataforma doutrinariamente perfeita". (p. 23/24).

Mais próxima ainda de uma situação como a que vivemos com o PT é a discussão de Trotski com o SWP americano, em 1938. Podemos resumir como segue os elementos fundamentais da sua análise da situação:

- a inexistência de partidos operários de massas;
- a existência de uma situação que empurra os sindicatos e as massas para a ação política, a ação política torna-se claramente necessária para que a combatividade das massas não seja esmagada. O partido operário é uma necessidade objetiva.

- por outro lado, a crise caminha muito mais depressa do que o partido marxista-revolucionário (no caso, o SWP); este é demasiado pequeno, tem demasiado pouca autoridade para organizar os trabalhadores nas suas fileiras.

Assim, um elemento central da tática a ser seguida pelos marxistas-revolucionários é dizer às massas: formem o seu partido. Construam um partido operário independente.

É verdade que este partido pode vir a ser oportunista, reformista; mas seria um erro sectário deixar de defendê-lo por isto. Nós, por outro lado, defendemos que seja independente e revolucionário; os trabalhadores só podem impor a sua vontade por meio de um partido revolucionário. Assim, lutaremos para que este partido adote nossas palavras de ordem de transição (não todas de uma vez, mas uma a uma, à medida que se apresentem situações concretas).

A política dos marxistas-revolucionários, é de lançar duas palavras de ordem:

- por um partido operário independente;
- juntem-se ao nosso partido (o SWP, a organização marxista revolucionária).

A primeira palavra de ordem é necessária porque os

marxistas revolucionários não têm autoridade suficiente para dizer diretamente aos trabalhadores: entrem no nosso partido. Se numa reunião pode ocorrer que 5 pessoas estejam de acordo com isto, certamente 500 pessoas estarão de acordo com a construção de um partido operário. A segunda palavra de ordem é para os elementos mais avançados, e a primeira já prepara o terreno para ela. É preciso saber tornar concreta a palavra de ordem de um partido operário, e mostrar que deve ser um partido independente.

Trotski chegou a dar à primeira palavra de ordem a forma "partido operário baseado nos sindicatos". Tinha em mente um processo semelhante ao que deu origem ao Partido Trabalhista Inglês.

Segundo Trotski, seriam possíveis três tipos de partidos operários nos EUA naquele período: um partido pouco definido, um partido oportunista e centralizado, que criaria problemas para a participação dos revolucionários, e um partido revolucionário, com vários tipos de combinações possíveis entre estes tipos "puros".

Trotski chamava a atenção ainda para a possibilidade de que o partido operário viesse a ser reformista e oportunista levando à questão da forma de atuar neste período. A única coisa absolutamente certa, dizia ele, é que devemos deixar claro que a dissolução de nossa organização está fora de questão (nas condições existentes), que nós a julgamos necessária. Mas isto não significa que todos os companheiros devam se colocar abertamente na condição de militantes do SWP. Isto depende das circunstâncias; um companheiro que venha a se declarar abertamente militante do SWP deve ter uma atuação muito mais cuidadosa para fazer face às possibilidades de exclusão, etc. (sobre estas questões, e como estas se colocaram na história do movimento operário, existe um artigo de Michel Lowy "O marxismo e os partidos de trabalhadores", publicado no jornal "EM TEMPO", de 14 a 27/08/80, além da coletânea já citada sobre "A questão do partido").

## A construção do partido revolucionário no Brasil — um caminho clássico

Voltando ao caso do PT no Brasil, podemos dizer então que é uma situação clássica. No momento em que foi lançada a proposta, não havia nenhum partido de massas operário no país, já que o PCB, a experiência que mais avançou nesta direção, sofrera um grande abalo na década de 60 (com inúmeras cisões, e com as consequências do golpe de 64). A imensa maioria da classe não conhecia jamais a independência política. Depois de um corte histórico, o proletariado apenas começa a por-se em movimento.

A radicalização das lutas sindicais, dos movimentos grevistas, empurra a classe para a luta política, deixa clara a necessidade de um partido próprio. E este partido tem um desenvolvimento programático inicial confuso com traços marcantes de economicismo, basismo. Mas vai aprendendo por seus próprios erros.

No seu interior, atua uma vanguarda marxista (na verdade, várias organizações e vários grupos de vanguarda, com posições que variam entre um reformismo de esquerda, o sectarismo e o marxismo revolucionário).

Essé é um caminho clássico. Como já vimos, trata-se de um caminho que foi considerado por Marx, Engels e Trotski.

Aqui, é possível a pergunta: e Lênin?

Grande parte da vanguarda formada sob influência do stalinismo adquiriu uma visão estreita do leninismo. Esta visão pode ser resumida na idéia de que um pequeno núcleo de vanguarda pode chegar a construir um partido capaz de dirigir um processo revolucionário se for capaz de ter um programa correto, e de ir agregando um a um novos militantes.

O que devemos dizer é que esta concepção não está de acordo com a história da construção do próprio Partido Bolchevique.

Já o grupo de Plekhanov, "Emancipação do Trabalho", pioneiro na introdução do marxismo na Rússia, encontrou por todo o país dezenas de iniciativas naturais semi-espontâneas no sentido da construção de um partido operário. Depois continuaram a existir iniciativas isoladas: Trotski, por exemplo, quando ainda estava acabando de aderir ao marxismo, construiu sem nenhuma conexão maior com o restante do nascente movimento social-democrata russo de então a sua "União Operária Da Rússia Meridional", na região do Nicolaiev.

Lênin militou por vários anos no único partido operário que se construía na Rússia, a Social-Democracia, que era então um dos mais frouxos em militância e centralização. Foi depois disso que passou a defender a sua concepção. Ainda assim, até o período entre 1912 a 1914, quando ocorre a cisão definitiva da social-democracia russa entre bolcheviques e mencheviques, somente a fração bolchevique que funcionava segundo o centralismo democrático, e Lênin ainda lutava pela unidade de todo o partido.

O partido bolchevique foi então formado a partir de uma fração dentro do Partido Operário Democrata Russo, através de um esforço de centralização e de clarificação programática. Nas épocas em que existia uma situação revolucionária, como em 1905 ou em 1917, Lênin virtualmente abriu o partido para que fosse integrado por toda uma vanguarda proletária emergente.

Os partidos da III Internacional, depois, foram formados de duas maneiras básicas. Nos países onde já havia grandes partidos social-democratas de massas, foram formados pela aglutinação da ala esquerda destes partidos, da ala que se identificou com a revolução russa. Nos países onde não havia partidos social-democratas expressivos, ou seja, nos países fora da Europa, os partidos comunistas foram formados reunindo rapidamente os militantes de origens diversas que se identificavam com a revolução russa.

Podemos concluir duas coisas: a primeira, que Lênin não praticou o método do pequeno grupo que apenas cresce militante por militante, tendo um programa já definido; a segunda, é que a situação com que se defrontou na formação da III Internacional é radicalmente diferente da que enfrentamos hoje: no lugar de contarmos com a identificação com a Revolução Russa, com as esperanças que despertou, para construirmos nossas fileiras, temos de enfrentar o stalinismo, que se apoia sobre a burocratização da URSS, temos que explicar porque tal burocratização foi possível, etc.

A teoria leninista do partido revolucionário define as características essenciais que deve ter este partido; mas não pode definir seus métodos de construção, que dependem de condições históricas gerais e das condições particulares de cada país.

Com estas colocações não pretendemos fazer uma análise detida do leninismo. Queremos apenas mostrar que, pelo fato de não encontrarmos na vida política de Lênin uma situação igual à do PT não podemos concluir que haja alguma oposição entre nossa política na construção do PT e o leninismo. Defendemos a necessidade, para a vitória da revolução proletária, de um partido centralizado, leninista. Mas tal partido, nas condições do Brasil, não pode ser construído simplesmente através da tentativa de ganhar militantes para um núcleo leninista. Pois um partido, para poder dirigir o processo revolucionário, tem de ser capaz de dirigir o movimento de massas.

## A construção do partido revolucionário no Brasil — não é possível apenas refazer o caminho clássico

Em resumo, o proletariado está construindo o seu próprio partido no Brasil através do PT, com uma vanguarda marxista no seu interior. E este é um caminho clássico na construção de partidos operários. Mas não é possível simplesmente querer repetir a história.

Isto não pode ocorrer, simplesmente, porque a história andou muito desde a construção dos primeiros grandes partidos operários. Podemos desdobrar este "andou muito" em dois aspectos:

— há uma série de experiências da luta de classes que precisam ser integradas no programa operário, para permitir que sua luta avance melhor. Isto dá à atuação da vanguarda marxista um peso muito maior do que supunham Marx e Engels. Engels, sobretudo, tinha uma visão excessivamente otimista, de que o desenvolvimento dos partidos operários seria alguma coisa linear. Sabemos hoje, que não foi assim.

— em segundo lugar, a marcha da história significou a cristalização de diversas correntes no movimento operário, que não é possível desconhecer. Não há apenas uma vanguarda marxista trabalhando dentro do PT, há várias, e com projetos bem distintos. Há correntes internacionais (social-democracia, stalinismo, e temos de considerar também a igreja), que têm sólidos apoios materiais. Hoje, no Brasil, a social-democracia tem pouca força, não existe como corrente organizada, e o stalinismo "duro" não está no PT. Mas estão diversas correntes, sobretudo centristas, que têm para ele um projeto que não é o da independência política de classe.

Há um conjunto de razões, e em primeiro lugar a correlação de forças entre as diversas forças que estão no PT, que impedem o PT de ser hoje um partido revolucionário. Como desenvolveremos mais adiante, só podemos pensar em o PT vir a se tornar um partido revolucionário (não no sentido de ser objetivamente revolucionário, o que já é, mas no sentido do marxismo revolucionário) numa conjuntura revolucionária e com a existência de uma organização marxista-revolucionária suficientemente forte para disputar a sua direção. Assim, hoje temos de dar uma importância muito maior à atua-





Partido de massas, o PT tem as suas potencialidades vinculadas ao avanço da luta de classes.

ção organizada dentro do partido do que consideravam Marx e Engels no "Manifesto Comunista".

Hoje, o correto não é os marxistas se considerarem uma vanguarda que trabalha para a construção do partido operário como partido revolucionário, o correto é constituírem uma organização revolucionária que luta pela sua própria construção no interior de um movimento mais amplo pela construção de um partido operário.

### Porque se justifica a necessidade de uma organização marxista-revolucionária hoje?

Tentemos desdobrar o que foi colocado acima sobre a necessidade de uma organização marxista revolucionária. É necessário ter uma compreensão inteiramente clara sobre esta questão, pois é um dos pontos de questionamento mais importante, que se apresenta a todo momento nos debates sobre a construção do PT.

O primeiro argumento é que esta construção do PT não vem sendo e não será espontânea. Tem sido, e será necessário assumir um projeto de construção do PT, tanto para fazer frente às visões distintas (que não consideram o PT um partido operário), quanto para lutar pela superação das debilidades do PT, para que assuma uma atitude mais ativa nas lutas políticas, etc.

Um segundo argumento é que a luta de classes já trouxe uma série de ensinamentos, resumidos em um programa revolucionário, que o PT não tem condições de assimilar hoje: querer que ele faça isto, seria querer estreitá-lo. Portanto, esse programa tem que ser adotado e desenvolvido por uma organização revolucionária distinta do PT. Só com a existência desde já de uma organização formada na defesa deste programa revolucionário será possível que o PT, numa outra conjuntura, possa vir a assumir este programa.

Por outro lado, embora seja incorreto pretender que hoje o PT assuma um programa marxista-revolucionário, no seu conjunto, não é incorreto lutar para que as-

suma certos elementos deste programa. De qualquer maneira, esta defesa só pode ser feita a partir de uma organização revolucionária. Os elementos básicos desse programa são:

- a) A luta pela democracia interna: apesar de ter nascido sendo em grande parte organizado pela base, o PT não deixou de ser marcado por deformações quanto à democracia interna, por incompreensões de elementos importantes. Dois pontos devem ser destacados: o controle da direção pela base; e a importância de garantir os direitos das minorias em todos os níveis do partido, inclusive da direção. A democracia interna é um elemento fundamental para evitar a burocratização do partido.
- b) A luta pela democracia operária e pela auto-organização do proletariado:

Não há a menor dúvida de que é uma questão decisiva. Tanto porque sem democracia operária ficam reforçadas as tendências à divisão da classe, diminuindo a unidade na luta, quanto porque a luta por formas de auto-organização, por uma democracia o mais participativa possível, joga um papel estratégico na preparação da luta por um estado operário, um estado baseado na democracia direta exercida pelas massas.

Naturalmente, a democracia operária é importante para garantir o sucesso da luta contra as deformações burocráticas, inevitavelmente ligadas a políticas de colaboração de classes, reformistas.

Não é difícil ver que esta questão está longe de ser assimilada pelo PT. Entre as organizações que participam dele, há algumas com fortes traços stalinistas. Os sindicalistas autênticos, por outro lado, como já foi lembrado, foram formados dentro do sindicalismo atrelado brasileiro, uma das estruturas menos democráticas que existem. Apesar de toda a sua evolução, não perderam alguma influência, por exemplo o paternalismo, práticas de manipulação, uma desconfiança diante de formas de auto-organização de base (o que tem sido notado dentro do PT, por exemplo na reticência a dar um peso mais forte aos núcleos nas decisões).

- c) A natureza dos países ditos socialistas, a democracia socialista;

Esta é uma questão-chave nas relações internacionais do PT. Que posição adotar diante da repressão aos "dissidentes" no Leste europeu? Que posição adotar diante das greves na Polônia?

A determinação da natureza dos países do "bloco socialista" é também importante para a definição da natureza dos PCs (são correntes do movimento operário ou não?) e para definir a política a ser seguida diante deles. Isto nos conduz à questão da política de frente única operária, e da luta pela unidade da classe.

d) A relação do PT com a política de frente única operária, embora complexa, será discutida mais adiante. De qualquer maneira, é fundamental que o PT assimile o elemento básico desta política: a necessidade de lutar pela unidade de classe, e de fazê-lo numa perspectiva classista, e não de colaboração de classes.

Neste aspecto, há vários problemas no PT:

— diversos setores não compreendem a importância de lutar junto com os reformistas, tendem então a uma política esquerdista.

— por outro lado, existe também dentro do PT a defesa de uma "frente popular", tanto por parte de parlamentares quanto de organizações centristas. Não está clara a necessidade da independência política de classe, apesar de o PT ter sido formado com base nisto, e apesar do forte sentimento classista dos sindicalistas autênticos.

— falta a compreensão da importância de um aspecto decisivo na luta pela unidade da classe: a defesa da democracia operária, da organização pela base.

e) O internacionalismo:

Já há no PT uma aceitação do princípio da "solidariedade internacional". Mas nem de longe há a compreensão de que a luta dos trabalhadores é uma luta internacional, que exige uma organização internacional. Há correntes dentro do PT totalmente opostas a isto. Este foi um dos terrenos em que o stalinismo fez mais estragos, tanto diretamente (dissolvendo a III Internacional, dizendo que ela não era mais necessária) quanto indiretamente (pela repulsa provocada por seu tipo de internacionalismo: submissão de todo o movimento comunista à burocracia do Kremlin).

Fatos extremamente positivos foram a decisão do Lula de ir às comemorações do primeiro aniversário da revolução nicaraguense, e o esforço em conseguir apoio internacional para a luta contra os julgamentos dos líderes da greve do ABC.

f) As reivindicações de transição:

Esta questão decisiva para uma tática de conduzir as massas na direção do socialismo, para ajudá-las a compreender que o socialismo é necessário, ainda não foi discutida enquanto tal no PT, apesar de diversas palavras de ordem de transição terem constado da plataforma inicial.

g) Finalmente, é preciso lembrar que a base da construção do PT, a questão chave da necessidade da independência política dos trabalhadores, vem sendo questionada dentro do PT, que há organizações participantes do PT que se opõem a ela.

Por fim, há ainda um terceiro argumento, que justifica uma organização revolucionária. A capacidade de centralização e de direção das lutas. Hoje, o que o PT tem feito neste sentido é quase nada. Devemos lutar para que avance, mas de qualquer maneira, pela sua necessária heterogeneidade hoje, pela impossibilidade de que assumam um claro programa revolucionário, e o centralismo democrático, a capacidade de direção do PT será limitada.

## As limitações do PT

### O PT poderá vir a ser um partido marxista-revolucionário de massas?

Naturalmente, as insuficiências de definição do PT

mencionadas são apenas algumas questões-chave, que devemos defender desde já. Na verdade, é o conjunto do marxismo, da teoria da luta da classe operária, que não foi assimilado pelo PT.

Diante disso, cabe a dúvida: é possível considerar o PT como um partido operário, como um caminho na construção de um partido marxista-revolucionário de massas? Não seria uma ilusão acreditar que o PT poderia vir a assimilar o marxismo, ainda que em um prazo bastante longo?

Colocar esta dúvida significa esquecer o que é o programa marxista-revolucionário: uma compreensão científica do funcionamento da sociedade, da história, e um resumo, uma síntese de experiências fundamentais da luta de classes. Não tem nada de artificial ou de particularista. Muito pelo contrário: é um resultado natural (embora não espontâneo, já que exige uma teoria científica) ao qual chegamos necessariamente se nos mantemos fiéis aos interesses dos trabalhadores.

Isto é comprovado pelo desenvolvimento histórico do marxismo na América Latina. O desenvolvimento inicial assumiu formas claramente revolucionárias, muito mais próximas da teoria da revolução permanente que da teoria da "revolução por etapas", de colaboração de classes, de confiança na burguesia nacional-menchevique e stalinista. Esta concepção reformista só passou a predominar pela influência, pelo controle que a III Internacional degenerada exerceu sobre o movimento comunista a partir de meados da década de 30. E quando a revolução cubana começou a questionar o domínio da burocracia sobre a esquerda latino-americana, houve de novo uma tendência à retomada de uma visão revolucionária.

A dificuldade de assimilação e divulgação do programa marxista-revolucionário no Brasil e em particular dentro do PT não vem nem da sua "artificialidade" nem de alguma suposta incultura, ou algum atraso do proletariado brasileiro. Vem muito mais da presença de vanguardas ainda muito marcadas por concepções stalinistas (etapistas, frente-populistas, burocráticas), ou por vanguardas tornadas céticas com relação ao leninismo por repulsa ao stalinismo. A experiência recente do proletariado brasileiro mostra que a importância das formas de auto-organização, de democracia de base, é assimilada facilmente. Dentro do PT, conceitos como "partido sem padrões" tiveram uma grande importância na popularização da proposta.

Mais uma vez, é bom lembrar que também os partidos operários marxistas "clássicos" tiveram inicialmente um programa muito confuso. Assim, é totalmente incorreto já querer estabelecer como uma preliminar que o PT não é e não pode vir a ser um partido revolucionário marxista.

Mas como já mencionamos anteriormente, há um conjunto de razões (o caráter inicial do movimento do proletariado brasileiro rumo à independência política, rumo a assumir a plena consciência dos seus interesses históricos), mas principalmente a correlação de forças entre as diversas correntes do movimento operário, que impede o PT de ser hoje um partido marxista-revolucionário, um partido com um programa claramente revolucionário.

Para que o PT possa vir a ser um partido revolucionário, são necessárias duas condições:

— um avanço qualitativo no grau de consciência e de combatividade das massas, que mudasse de maneira decisiva a correlação de forças entre as diversas correntes do movimento operário em favor das que estão mais à esquerda: o que ocorreria, por exemplo, numa situação pré-revolucionária, ou revolucionária.

— a existência, neste momento, de uma organização marxista-revolucionária, forte o bastante para poder disputar e conseguir que o PT assumam um programa e uma ação revolucionária completa.

Hoje, esta não é, evidentemente, a situação. Portan-

do, devemos dizer claramente: nossa política atual não é transformar abruptamente o PT num partido revolucionário; este seria uma política inviolável, estreita, e nos levaria a um processo de sectarização. Nosso horizonte hoje é mais modesto: que o PT se mantenha um partido claramente classista, e que lute contra a ditadura militar, e a exploração capitalista.

O máximo que devemos buscar como programa para o PT é o programa de transição, que não representa todo o programa revolucionário, mas apenas a sua parte mais "assimilável", mais próxima às condições da consciência das massas. E não devemos querer que o PT assumo o programa de transição todo de uma vez, mas uma palavra de ordem depois da outra, à medida que se apresentem condições concretas.

Não lutamos para construir um partido reformista, é evidente: lutamos por um partido revolucionário. Mas é preciso saber como fazê-lo, que passos se colocam a cada momento.

### A construção de uma organização marxista-revolucionária

Trotsky dizia, nas discussões com o SWP americano, que era necessário colocar duas palavras de ordem:

— os trabalhadores devem construir seu próprio partido.

— integrem o nosso partido (o partido marxista-revolucionário).

Nas condições atuais do Brasil, isto significa:

— é necessário construir o Partido dos Trabalhadores, como um "PT mesmo", isto é, um partido independente da burguesia, sem patrões; um partido que organize os trabalhadores para a luta, que seja uma direção;

— trazer os trabalhadores para o marxismo revolucionário e para uma organização revolucionária.

Como já dissemos no item 2, isto exige não apenas um ascenso do movimento operário, que traga os trabalhadores para posições mais radicais, mas também a existência de uma organização que seja vista como uma alternativa confiável. Hoje, isto quer dizer uma organização que esteja cumprindo um papel decisivo na construção do PT.

Assim, a construção de uma organização hoje pode ser resumida em:

— construir uma organização marxista-revolucionária de combate, que participe ativamente das lutas operárias e populares, que seja capaz de orientar estas lutas, e que desempenhe um papel decisivo na construção do PT. Tal organização poderá ser uma referência para os setores da esquerda do PT, integrar a vanguarda emergente do movimento operário, levar à vanguarda proletária o marxismo revolucionário, realizar sua fusão com esta vanguarda.

### Problemas envolvidos em uma política marxista-revolucionária para o PT

a) o questionamento da "dupla militância"

Esse questionamento tem assumido a forma de chamar de "vestir duas camisas", de deslealdade, a participação em um organização revolucionária no interior do PT.

Podemos responder a isto sem dificuldades: a "camisa" dos revolucionários é a revolução proletária, é trabalhar pela revolução proletária. Isto hoje exige tanto construir o PT quanto construir uma organização marxista-revolucionária. São duas maneiras complementares de chegar ao mesmo objetivo, isto é, o partido marxista-revolucionário, de massas, necessário, para a derrocada do poder burguês.

Os marxistas reconhecem que não existe ainda um



Durante toda a sua história, as lideranças do PT têm sofrido a ameaça permanente da repressão política

partido revolucionário no Brasil, não podemos pretender que alguma organização seja este partido hoje. O programa marxista inclui um partido operário de massas, lutamos para construir este partido. Hoje, reconhecemos que o PT — ainda em construção — é o partido que tem a maior possibilidade de ser um partido operário independente de massas; mais que isso, hoje é a única possibilidade de construção deste partido.

Por isto os marxistas estão no PT como militantes leais, não fazem "entrismo", como o que se poderia fazer uma organização reformista, contra-revolucionária, mas trabalham para construir o PT. Não estão aparelhados ou "parasitando" o PT: lutam pela sua construção.

Mas o PT não está pronto. Nem podemos vir a garantir que chegue a um bom resultado. Acreditamos que, para atender aos interesses históricos de classe operária, o PT deverá adotar o programa do marxismo revolucionário.

Enquanto o PT mantiver seu caráter inacabado, julgamos necessário, por estas razões, a existência de uma organização. Se o PT completar seu processo de formação, será marxista-revolucionário (caso em que, naturalmente, não se justificaria manter uma organização distinta, e se colocaria a questão da dissolução no seu interior), ou terá sofrido um desvio no seu caminho, (caso em que será necessário definir uma outra tática).

Esta falsa questão das "duas camisas" pode ser resolvida com a instauração de uma ampla democracia no PT, que garanta o direito de tendência e de fração para todas as correntes, e com a cobrança de todos os militantes do PT de lealdade na sua construção.

b) Em todas as atividades, é preciso construir o PT.

Esta é uma necessidade básica. O PT deve ser um partido operário militante, e portando um partido que participe ativamente enquanto tal de todas as lutas, que procura organizar os trabalhadores, tornar-se a sua direção. Portanto, em qualquer frente de trabalho, é necessário encontrar a maneira de ao mesmo tempo estar construindo o PT: fazendo que intervenha através de um núcleo, que tome uma posição como partido, que mobilize os seus militantes para cada situação que se apresentar.

c) O PT e a frente única operária.

Em vários momentos, tem aparecido a idéia de que o PT é a realização da frente única operária.

De acordo com o que discutimos até agora, esta concepção não é correta: o PT é um partido, e não agrupa o conjunto da classe. Mas é necessário precisar melhor as relações do PT com a política de frente única operária.

Esta política foi desenvolvida a partir de uma situação específica, existente nos primeiros anos da III<sup>a</sup> Internacional. Uma situação em que havia partidos operários de massa, mas dividindo a classe: além dos partidos comunistas, revolucionários, continuavam existindo os partidos social-democratas, reformistas.

Não era esta a situação alguns anos antes: no momento do auge da III Internacional, em vários países, havia partidos que unificavam a massa dos trabalhadores, que dirigiam o conjunto dos sindicatos. E eram partidos marxistas, classistas. No entanto, sofreram um processo de integração na sociedade capitalista e no estado burguês.

A partir daí, a sua ala esquerda rompeu com eles, e iniciou a construção de partidos revolucionários novos e de uma nova Internacional. A princípio, Lênin e seus camaradas tiveram a ilusão de que, na conjuntura de crise do capitalismo do pós-guerra, com a influência e o exemplo da revolução russa, seria possível retirar toda a massa da influência da velha social-democracia. Como sabemos, esta possibilidade não se realizou.

A política de frente única operária, assim, foi elaborada para retomar a luta pela unidade da classe operária. Tinha uma dupla característica: reconhecer os partidos social-democratas como partidos operários (embora tivessem uma política favorável à burguesia), e reformistas, dos quais é preciso retirar toda a influência. Os partidos reformistas são adversários da revolução, lutam contra ela, são contra-revolucionários. Mas têm uma base operária e não podemos exigir que esta base acredite na nossa palavra de que seu partido, suas direções, são inimigos da revolução socialista. Só podemos retirar esta base da influência dos partidos reformistas através de demonstrações práticas da sua recusa em assumir lutas de interesse da classe.

Para levar à frente esta política, é claro, é preciso dispor já de um partido. Depois que também a III Internacional tomou o curso do reformismo, passaram a existir em muitos países dois partidos reformistas de massas, e nenhum revolucionário! Lutar pela unidade da classe numa perspectiva classista continuou sendo necessário, mas tornou-se muito mais difícil.

O problema se coloca de maneira diferente em países onde não há partidos operários de massa: a questão central então passa a ser construir um partido operário de massas.

Não poderia ocorrer que este partido (no nosso caso, o PT), reunisse no seu interior todas as correntes fundamentais do movimento operário, e se tornasse então ele mesmo uma expressão da unidade da classe, da frente única? A hipótese existe, mas é pouco provável. As divisões dentro da classe operária estão muito consolidadas; há partidos reformistas que já se julgam o "verdadeiro" partido (como o PCB e o PC do B), que não vão desaparecer: têm aparelhos de razoável solidez. Não está num horizonte próximo a participação destas correntes na construção do PT.

O que está acontecendo, então, e é provável que continue, é que o PT se construa, ao lado de uma corrente reformista (PCB, PC do B, MR-8). E que então a partir do PT seja necessário fazer uma política de frente única com esta corrente (que aliada a pelegos ainda terá uma força grande).

d) a questão da legalização

A legalização do PT é importante para que ele possa reforçar seu caráter de massas, para que possa aproveitar momentos importantes e ricos de possibilidades como as eleições, etc. No nosso entender, pode ser feita sem atentar contra seu caráter de classe, e garantindo o essencial da democracia interna.

No entanto, a necessidade da legalização foi brandida

por setores reformistas, especialmente ligados a parlamentares do PT, como um argumento em favor da descharacterização do PT, e como uma maneira de queimar as correntes mais à esquerda, sob a alegação de que não se preocupam com a legalização.

É fundamental que os marxistas-revolucionários continuem à frente do esforço pela legalização. Tanto pela importância de que isto se reveste, quanto para não deixar o campo aberto a que os setores reformistas do PT conduzam a legalização de modo a descaracterizar o PT e a restringir a democracia interna.

Um outro problema é a necessidade de combater a ideia de que a legalização pode ser garantida com esperanças na definição dos estatutos e do programa do PT, com concessões à burguesia. Naturalmente, é conveniente evitar ao máximo armadilhas legais que possam ser usadas contra o PT.

Mas devemos afirmar claramente, qualquer que seja a nossa espreiteza ou a nossa disposição de fazer concessões, a ditadura sempre poderá encontrar algum pretexto para não legalizar o PT. Assim, em última análise, a garantia da legalização do PT estará na força do próprio movimento de sua formação, na força do movimento operário e da oposição em geral.

e) A possibilidade de degeneração do PT

O caminho para a construção do PT, para que ele assimile o programa revolucionário, será sem dúvida não apenas longo, mas tortuoso. Já houve momentos de recuo (como o do Encontro Nacional de 1980), em que a proposta sofreu uma sensível diluição, e, mais importante ainda, evidenciaram-se importantes deformações burocráticas, restringindo a democracia interna (em especial, a recusa em admitir a participação de correntes minoritárias na direção, o inchamento do plenário com convidadas com direito a voto, etc.). Outros momentos semelhantes certamente virão.

Um risco que correm os marxistas revolucionários, neste processo, é o de concluir prematuramente que o PT se degenerou. A regra básica a adotar é uma extrema prudência nesta caracterização. Afinal, o PT ganhou força como uma proposta de construir um partido dos trabalhadores, sem patrões, com um programa na linha dos interesses históricos dos trabalhadores, lutando por um governo dos trabalhadores, etc. É tamanha a força desta proposta, sua necessidade objetiva hoje, que ela de certa maneira limitou o raio de ação das correntes que se opõem a ela, fez com que ninguém se colocasse abertamente contra ela.

A proposta inicial do PT tem uma força enorme, caiu em terreno fértil. Não vai ser enterrada com facilidade. Será preciso alguma prova prática muito clara para concluir que o PT degenerou.

Por uma razão semelhante, é preciso prudência no lançamento de uma corrente pública dentro do PT, em torno da defesa do "PT mesmo".

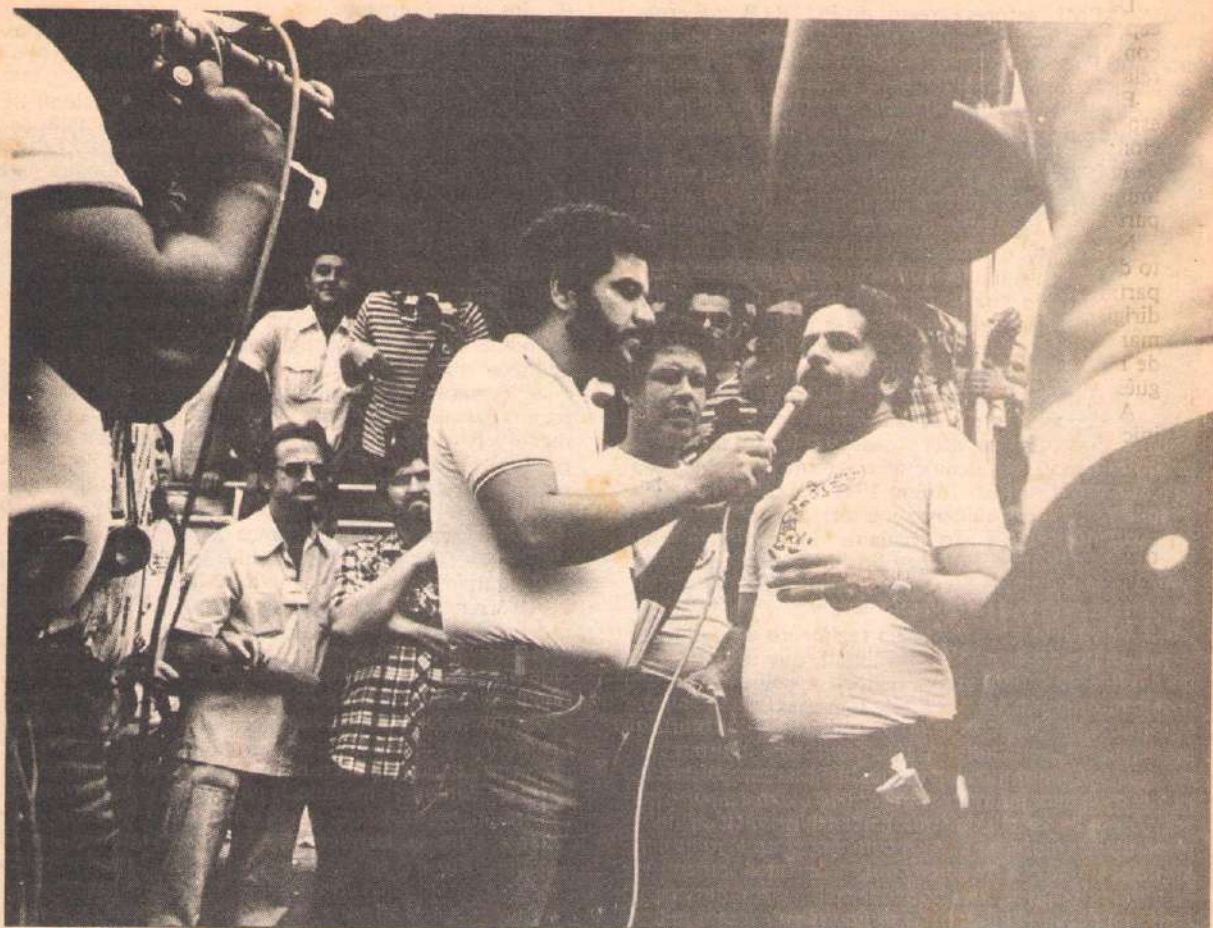
Diante de divisões pouco claras e pouco consolidadas, o mais correto é ter intervenções localizadas em defesa da democracia interna, da independência política, que já sirvam a um combate político e ideológico, mas sejam menos cristalizadoras.

Isto não significa, de nenhuma maneira, que julgemos impossível a degeneração do PT. Significa que não consideramos que ela esteja próxima, e que com a política definida, estaremos nas melhores condições para saber o que fazer quando a ocasião se apresentar (se se apresentar).

f) A necessidade de evitar a diluição no PT

A orientação que os marxistas devem seguir é a de jogar toda a sua força para garantir a construção do PT como partido operário independente. Sabemos que esta construção não seguirá (como não seguiu até agora) caminhos tranquilos; terá momentos de recuo, nos quais os revolucionários deverão ter muita flexibilidade.

Ter esta flexibilidade será tanto mais fácil quanto mais claramente os marxistas tenham uma personalidade



Lula, de dirigente sindical a partidário: uma experiência vivida por uma vasta vanguarda classista surgida nas greves.

de pública própria, quanto mais claramente aparecerem dentro do PT com o seu perfil político próprio. Mantendo sua identidade, os marxistas estarão menos dependentes das oscilações por que pode e deve passar o PT, poderão respeitar mais tranquilamente os ritmos do próprio partido. Não estarão obrigados a forçar alguma posição revolucionária artificial.

### Resumo da política marxista-revolucionária no PT.

a) é uma política de massas, para ajudar as massas a se colocarem em movimento na cena política, a passarem de lutas sindicais para lutas especificamente políticas; não é uma política apenas para setores de vanguarda.

Sendo uma política em direção às massas, será preciso evitar qualquer precipitação. Vale a regra de que as massas aprendem fundamentalmente pela sua própria experiência.

b) é uma política para ajudar as massas a lutar contra a ditadura militar e a se colocar num caminho anti-capitalista, e lutar pelo seu próprio poder, a adotar uma perspectiva revolucionária. Isto se desdobra;

— na luta pela independência política dos trabalhadores, pela sua auto-organização independente.

— na luta por reivindicações de transição (ponte entre a consciência atual das massas e as lutas anti-capitalistas). Não se trata de buscar de uma vez só a aprovação do Programa de Transição, mas de defender suas palavras de ordem à medida que se apresentem situações concretas.

c) o método básico para tornar o PT tanto massivo quando revolucionário é a sua ligação com as lutas ope-

rárias, sua organização como partido de intervenção, partido para a luta: desta maneira será reconhecido pelas massas, e desta maneira ocorrerão situações que permitirão a assimilação de reivindicações de transição.

d) é uma política para construir um partido marxista-revolucionário de massas.

Como já dissemos, não podemos garantir que o PT se torne marxista-revolucionário, e nem mesmo revolucionário.

Ele pode vir a ser revolucionário sem ser marxista-revolucionário; neste caso, poderá até tomar o poder, destruir o capitalismo, mas terá dificuldades em evitar deformações burocráticas. Portanto, é necessário lutar por um partido marxista-revolucionário de massas.

Não podemos defender isto para o PT desde já: isto seria estreitá-lo. Portanto, os marxistas defendem suas posições, organizam uma corrente, e procuram construir uma organização. Com um avanço qualitativo do grau de consciência e de mobilização de massas, numa situação revolucionária ou pré-revolucionária, aí sim será possível lutar para que o PT adote o programa do marxismo revolucionário. Isto exigirá uma organização revolucionária suficientemente forte e respeitada para concretamente imprimir esta direção ao PT.

## IV - O PT hoje

a) No último ano e pouco, o progresso da construção do PT foi notável. Já com a realização do Encontro Nacional em 1980, o partido deu uma nova prova de sua viabilidade.

Contudo, esse avanço não se fez sem alguns recuos.

Pouco antes do Encontro, assistimos à entrada no PT de organizações e grupos que defendiam o "partido po-

pular": APLM, setores egressos do PC DO B, que compuseram uma frente com setores que já estavam há mais tempo no PT: Ala Vermelha, grupo Unidade. Cresceu a participação de parlamentares, em geral mais preocupados com um partido que funcione como máquina eleitoral do que para organizar a luta. Também cresceu a participação de setores de base e de esquerda da Igreja, que passaram a ter um peso importante.

Estes setores compuseram um bloco, para os encontros regionais do Rio e de São Paulo, e para o Encontro Nacional de 1980, e conseguiram avançar fazendo pesar as posições que viam o PT não como um partido de classe, mas como um "partido popular" ou uma frente.

Para isto, o elemento chave foi a influência que alguns de seus principais porta-vozes ganharam sobre os sindicalistas mais importantes. Osmarzinho, um dos seus pontas de lança, estava além disso no auge da popularidade, depois da greve de São Bernardo. Com esta influência, conseguiram fazer passar regras para os encontros que viçavam a democracia interna: existência de convidados (afinal fixados em 10% dos delegados eleitos, mas de fato em número superior), aceitação de delegados de núcleos que não existiam. Mais importante do que tudo, o apoio do Lula garantia a vitória de qualquer chapa, pois é inconcebível hoje organizar o PT sem a sua participação.

Tudo isto foi reforçado pelo regimento adotado nos encontros (de São Paulo e nacional), que estabelecia a eleição de uma direção com maioria absoluta de votos, sem direito de representação de minorias.

Com estes mecanismos, a "corrente popular" do PT se tornou majoritária sem ter a maioria dos militantes filiados, e sem ter a maioria sequer dos delegados.

Naquela altura, manifestaram-se ainda duas outras correntes. Uma, a que defendia claramente o PT como um partido classista, além de reunir numerosos militantes independentes, contou fundamentalmente com as organizações ou grupos que se reclamam do marxismo revolucionário e do trotskismo, e com setores da antiga Política Operária. Foi a corrente excluída da direção nacional.

Outra, é a impropriamente chamada de "social-democrata". Caracteriza-se por recursar o leninismo. Mas, defendendo o PT como partido operário, e apesar da pouca clareza na luta pela independência política dos trabalhadores, estaria antes na esquerda do PT.

Finalmente, devemos considerar a existência do MEP, organização que, apesar de ter posições diferentes, gravitou em torno do bloco da "corrente popular".

Mas a vitória da "corrente popular" foi pouco profunda, e efêmera. Em primeiro lugar, não conseguiu mudar as definições básicas do PT, que foram preservadas no Encontro, embora algo diluídas. Em segundo lugar, depois do Encontro, o bloco se rompeu, e o PT caminhou na direção de se consolidar como partido de classe.

Além de continuar a ganhar audiência entre a classe trabalhadora, cresceu no interior do PT a concepção de que deve ser construído como partido operário e de massas. Uma prova clara disto foi justamente a saída dos principais defensores da concepção de "frente popular". O partido começou a mostrar maior sensibilidade para a necessidade de uma linha sindical, para a necessidade de um jornal. Foi consolidada a idéia de partido organizado em núcleos militantes, um dos pontos que fora mais bombardeado pela "corrente popular".

b) A condução do processo de legalização do PT, feita garantindo no fundamental a democracia interna, a construção de baixo para cima, foi uma grande vitória.

A ditadura realizou diversas investidas contra o partido: os processos movidos contra os seus principais dirigentes, enquadrados na Lei de Segurança Nacional; o assassinato de um dirigente municipal do PT, no Acre, invasões de sedes do partido, demissões de militantes do

PT dos seus empregos.

Apesar de tudo isto, e apesar das dificuldades postas pela própria legislação, as condições para o registro provisório do partido estão dadas.

c) A pré-convenção nacional de 1981 consolidou os principais progressos do partido. No plano político, reforçou a importância da independência política, e definiu uma tática eleitoral apoiada na idéia da mobilização e da participação das bases. Definiu um eixo central de luta para o partido, contra o desemprego e calcado na plataforma do 1º de maio em São Bernardo.

No plano da democracia interna, foram corrigidas as principais distorções do encontro anterior. Foram definidas como norma as pré-convenções, e a formação de conselhos de núcleos, garantindo a sua participação nas deliberações.

A formação da direção apresentou mais progressos: para o Diretório Nacional, foi levado em conta basicamente o tirado em cada estado, e foi garantida a participação de toda as correntes políticas petistas. Por outro lado, na formação da Executiva Nacional, houve ainda um processo fechado, e indicando além disso a persistência de uma certa desconfiança com relação às correntes de esquerda organizadas. (EM TEMPO nº 134).

O alinhamento de forças se modificou sensivelmente.

A corrente que defende o PT como partido operário independente apareceu reforçada. Além dos antigos defensores, outros setores se aproximaram desta posição (Ala Vermelha, a corrente conhecida como "PT de lutas") e, sobretudo, os sindicalistas assumiram no geral esta concepção. Os setores mais explicitamente identificados com o frente-populismo ficaram extremamente minoritários, travando um combate de retaguarda (principalmente na defesa das coligações).

d) Apesar da evolução fundamentalmente favorável do PT, continuam a existir problemas, e importantes.

— o avanço da idéia "PT mesmo", PT militante, tem ocorrido porque esta é a concepção da base do partido, e por uma evolução significativa da vanguarda sindical. Mas permanecem diversos grupos (centristas) que se orientam pelo "PT frente", ao mesmo tempo que se incorporaram com certo peso organizações que não têm um compromisso claro com a construção do partido (OSI, CSI). Os parlamentares continuam a dar mais peso à concepção de organização de tipo eleitoral: há diversos setores dentro do partido que compartilham destas concepções parlamentaristas.

As forças que defendem de maneira consequente e organizada o "PT mesmo" são ainda poucas.

— permanece a dificuldade de funcionar como partido, de fazer política. Aumentou a sensibilidade para estes problemas, mas ainda está por ser organizado o partido de maneira militante, e estão por serem definidas orientações claras para a luta em todos os movimentos sociais e no combate à ditadura. No último período, o esforço pela legislação atrasou a solução destas questões.

— o regime continua e continuará a colocar obstáculos ao funcionamento do partido.

d) Diante deste quadro, as principais prioridades para o PT são:

— após garantir a legalização, lutar pela nucleação dos militantes, pelo funcionamento dos núcleos como estrutura fundamental do partido; consolidar as conquistas no plano da democracia interna;

— lutar pela construção de um aparato que permita ao PT funcionar como partido; boje a tarefa mais importante neste sentido é o lançamento de um jornal nacional;

— lutar pela construção política do partido, para que tenha orientações claras, para que seja capaz de ter uma intervenção sindical ativa, de lutar contra a ditadura, de estar presente em todos os planos da luta de classes.

Agosto de 1981